

Apontada deficiência na área de farmácia

A dependência da indústria farmacêutica brasileira à tecnologia estrangeira e a falta de atenção dos acadêmicos de farmácia na área de alimentos foram dois itens discutidos ontem no Fórum de Debates de Farmácia e Bioquímica Paulista, promovido pelo Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. Os debates se estenderão até a próxima sexta-feira, no auditório do Senac.

Bruno Carlos de Almeida, presidente em exercício do Conselho Regional de Farmácia e especialista em medicamentos, afirmou, durante os debates, que o Brasil está colocado entre

base técnico-científica necessária ao desenvolvimento e produção de medicamentos, cosméticos e produtos correlatos, Bruno de Almeida queixou-se da falta de acesso que a categoria tem às indústrias, que no momento absorvem outros técnicos. "Essas pessoas — frisou — trabalham, geralmente, com fórmulas já testadas no Exterior e não podem opinar sobre a biodisponibilidade, toxidez dos medicamentos e outros itens".

Segundo o especialista, o farmacêutico é preparado para encarar a área de medicamentos como um meio de alterar as condições fisiológicas dos usuá-

os 10 maiores produtores na área, e que 85% do mercado são dominados pelas multinacionais. "As empresas multinacionais, porém — afirmou —, desenvolvem remédios em função das necessidades dos países de origem e despejam no mercado brasileiro, anualmente, uma enorme quantidade de antibióticos e polivitamínicos, sem levar em conta que o maior número de doenças aqui registradas são as verminoses e a doença de Chagas".

Afirmando que o farmacêutico é o único profissional com a

rios, diferenciando-se do engenheiro químico, que se dedica ao medicamento enquanto produto, da atividade industrial. Ele atribui grande parte dos problemas enfrentados pelos profissionais à Lei de Vigilância Sanitária n° 6.360, atualmente em vigor, que em seu texto específica para a indústria farmacêutica a exigência de um técnico legalmente habilitado, em substituição à legislação anterior, que estipulava apenas um farmacêutico responsável. Os farmacêuticos foram bastante prejudicados pela medida", concluiu Bruno de Almeida.